

ENTREVISTA

SOMOS IGUAIS MESMO SENDO DIFERENTES!

Entrevista com Marcos Ribeiro

Por Sheila Reis

Marcos Ribeiro, professor, especialista em educação sexual e palestrante na área de educação sexual; coordenador geral do Centro de Orientação e Educação Sexual (CORES), no Rio de Janeiro. É também consultor de várias instituições públicas e privadas, como Fundação Roberto Marinho, Canal Futura e ministérios da Educação e da Saúde. Premiado pela Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros, entre eles: *Menino brinca de boneca?* (Moderna, 1990), *Conversando com seu filho sobre sexo* (Planeta, 2010), *Conversando com seu filho adolescente sobre sexo* (Planeta, 2011), *Tribo adolescente* (Planeta, 2012), *Somos iguais mesmo sendo diferentes!* (Moderna, 2012). Em 2015 lança o infantil *Quem disse que eu não vou conseguir?*, e a nova edição – atualizada e ampliada – do *Adolescente: um bate-papo sobre sexo* (ambos pela Moderna).

Já teve o livro *Mamãe, como eu nasci?* adaptado para uma peça infantil – com apresentações em diversas cidades brasileiras e do exterior – e outro, *Menino brinca de boneca?*, adaptado para um seriado de televisão em Cabo Verde, arquipélago do Oceano Atlântico a oeste da África, em cooperação com o governo de Luxemburgo (Ministério da Educação).

Marcos é Comendador, detentor da Medalha Tiradentes (2010) – maior comenda entregue a uma personalidade pelo Poder Legislativo do Estado do Rio de Janeiro.

1. Como educador, o que o motivou a se especializar em educação sexual?

Ao começar a ministrar palestras sobre sexualidade, ainda como acadêmico, após um trabalho sobre sexualidade na adolescência de enorme repercussão dentro da universidade, percebi a desinformação generalizada sobre sexo entre a garotada. Questões básicas, como conhecimento do corpo, pareciam distantes da realidade desses jovens. A partir daí comecei a realizar projetos – chegando depois a implantar um programa de educação sexual na Prefeitura do Rio de Janeiro, junto com um grupo – atingindo centenas de escolas. Daí, o trabalho ampliou-se para outras cidades brasileiras, por meio de consultoria, incluindo importantes instituições públicas e privadas.

2. Como surgiu a ideia de escrever livros sobre sexualidade, direcionados à infância e adolescência?

Diante dessa constatação, verifiquei que, no mercado, os livros voltados para esse público traziam a informação sob um prisma biológico. Faltava falar de prazer, das questões de gênero, contextualizar todo esse conteúdo com os aspectos culturais e históricos, tão determinantes para a vivência da sexualidade.

Além disso, a linguagem estava longe do universo dos jovens. Vale ressaltar que estou falando de uma realidade de há mais de vinte anos. Para a criança então, havia o “reinado da sementinha” ou do sexo como reprodução. Prazer? Orgasmo? Masturbação? Nem pensar!

Acreditando que deveria começar mais cedo, antes de chegar ao público adolescente – meus ouvintes em palestras e, depois, alunos de algumas escolas particulares em que trabalhei – resolvi começar pelas crianças. Ou seja, começar antes, na etapa anterior ao período em que muitos iniciam a vida sexual: a adolescência.

Daí, escrevi meu primeiro livro – Mamãe, como eu nasci? – com prefácio do Paulo Freire. Foi o primeiro livro sobre sexo para crianças a falar da sexualidade pelo prazer e não só pelo aspecto reprodutivo. O livro fala da masturbação, de orgasmo, do prazer que a mulher sente – sem atribuir apenas ao homem a iniciativa sexual. Um grande avanço!

Na sequência, além de continuar escrevendo para crianças, passei a escrever também para adolescentes, seus pais e professores. Hoje a minha obra, um total de 13 livros publicados, atinge basicamente esse público. Apesar de ter livros para a população em geral, como o Sexo sem mistério (Saraiva, 1996), que traz os artigos publicados na coluna sobre sexo que assinei durante quatro anos no jornal carioca O dia e abordados no meu quadro Sexo sem mistério – daí o nome do livro –, levado ao ar semanalmente durante sete anos pela Rádio Globo AM para um público superior a 200 mil ouvintes por minuto (segundo o Ibope).

3. Em suas palestras, ainda há reações preconceituosas nas instituições de ensino? Quais são os temas que você considera que causam maior repercussão entre os jovens? E quais temas devem ainda ser mais discutidos? Por quê?

Creio que estamos dando alguns passos para trás. Questões, que até então pareciam mais tranquilas, voltaram com uma força de preconceito muito grande. No meu histórico de trabalho não tenho muitos exemplos de “reações preconceituosas”. Mas dentre esses poucos casos, posso dar um recente para ilustrar.

Há poucos meses fui a uma escola no bairro do Méier (zona norte do Rio de Janeiro), falar do meu livro Somos iguais mesmo sendo diferentes!. Não podemos esquecer que o livro fala sobre preconceito.

Ao chegar à escola – particular, para um público de bom poder aquisitivo –, a coordenadora

me pediu para não falar das páginas 15 e 16. O trecho é o seguinte:

“Há famílias com uma porção de filhos e outras sem filho nenhum / Há famílias com dois pais que vivem juntos e resolvem adotar uma criança / Outras com duas mães / E nem por isso devem ser discriminadas / Todo mundo deve ser respeitado...”.

Ao responder que, se perguntado, eu responderia, ela disse que isso não seria o problema porque as páginas foram coladas.

Esse tipo de atraso, uma educação avestruz – que prefere esconder a realidade do seu aluno –, ainda é comum por este país afora. Mas como estamos falando sobre educação, é a ferramenta que pode mudar essa sociedade preconceituosa e desigual. É importante ressaltar que diferença não significa desigualdade!

A escola achou mais “tranquilo” resolver os possíveis questionamentos dos alunos, a pedido de muitos pais, colocando toda essa situação “no armário”. Isso é muito sério, principalmente porque estamos criando seres educados por aqueles – seja em casa ou na escola – que não conseguem viver e lidar com as diferenças e, mais tarde, achar que têm o direito de julgar, espancar e, quem sabe, matar o seu semelhante por ter uma sexualidade diferente da sua. Vale ressaltar que eu estava nessa escola porque houve a adoção da obra, era o “encontro com o autor”.

Dos temas de maior repercussão, sem dúvida a homossexualidade ainda é o que causa o maior desconforto. Os pais têm medo que seus filhos sejam gays. Os professores não sabem lidar com a diversidade. E dessa afirmação, que faço devido à minha experiência viajando por todo o país, escrevendo materiais educativos e artigos para alguns veículos de massa, se confirma em pesquisas, como a relatada recentemente pela

Fundação Perseu Abramo e Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (FEA-USP): 87% da comunidade escolar (alunos, pais e professores) tem algum grau de homofobia. E 35% dos pais entrevistados dizem que não gostariam que seu filho estudasse com um homossexual.

Esse tema precisa ser bem discutido, assim como as relações de gênero. Ah! É fundamental a abordagem da prevenção entre os jovens, que voltam a aumentar as estatísticas com o aumento da infecção pelo HIV (vírus da Aids) nessa faixa etária.

4. Ao longo desses 25 anos como educador sexual, palestrante e autor de diversos livros, quais desafios ainda precisam ser enfrentados?

É fundamental que tenhamos políticas públicas que contemplem o trabalho de educação sexual e prevenção. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – aliás, eu fui parecerista do material elaborado para o primeiro segmento – são insuficientes, apesar de importantes.

A sexualidade não pode ficar no “corredor” da escola. É preciso que os dirigentes percebam que os adolescentes precisam da informação; dos cuidados de prevenção e saúde; de um espaço sistemático para elaborar suas questões afetivas e trocar ideias nessa fase tão importante do desenvolvimento humano. O trabalho pedagógico tranquilamente dá conta dessa demanda, após o preparo do professor.

A educação sexual pode estar em todas as etapas do período escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

5. O que fazer para tratarmos as sexualidades de forma mais abrangente?

Começa na linha de estudos. É preciso

ampliar a leitura e perceber que a sexualidade se relaciona com as mais diferentes áreas do conhecimento. É importante estar “antenado(a)” com as questões históricas, políticas e dos movimentos sociais. Além dos aspectos sociais e afetivos, conhecidos por todos nós.

Outra coisa: Um trabalho de educação sexual não está necessariamente dentro da escola ou da unidade de saúde. Isso amplia nossos horizontes e a atuação, quando sai do lugar comum e leva a discussão para os mais diferentes pontos da sociedade, com públicos diversos.

Na minha experiência profissional eu já realizei trabalhos de educação sexual e principalmente de prevenção – por causa da epidemia da Aids – com caminhoneiros, população do garimpo, travestis que fazem programas na estrada, índios, radialistas de [emissoras de] rádio comunitárias, em áreas de prostituição (com a famosa Vila Mimosa no centro do Rio de Janeiro) e com meninos de rua. Já elaborei: material educativo para crianças, adolescentes e professores, com tiragem superior a 1 milhão de exemplares, produzido pelo Departamento de DST/Aids do Ministério da Saúde para escolas de todo país; CDs com gravações feitas por artistas para a conscientização da importância do uso da camisinha; consultoria para peças de teatro e programas de TV. Coordenei curso de Educação a Distância – sobre educação sexual e prevenção – através do canal da TV Educativa em parceria com o Ministério da Educação, que somavam mais de 50 mil professores participantes, em polos de educação espalhados por todo país. E mais algumas coisas.

O que eu quero dizer com isso?

É possível realizar a ação nos mais diferentes lugares. E, com isso, a produção também vai ser diversificada, certamente com produções incríveis, de acordo com a realidade de cada um.

Pode ser uma camiseta com a mensagem estampada; um jogo temático; uma rádio comunitária dentro da escola ou comunidade “administrada” pelos próprios alunos/jovens; uma campanha para ser desenvolvida no local onde o projeto está sendo desenvolvido ou o que mais a criatividade permitir.

Precisamos pensar que o trabalho sobre sexualidade não se limita aos consultórios e bancos escolares. É muito maior que isso.

Os grandes eventos da área também precisam sair da mesmice e da “clínica” e chamar outros olhares para discutir os temas que estão tão presentes, mas esquecidos, quando só se fala em terapia e disfunções.

6. Você acredita que a mídia acaba causando uma antecipação na descoberta sexual? Pode comentar qual seria o grau dessa influência e quais são as consequências envolvidas?

Não saberia dizer se antecipa, mas há uma influência direta tanto positiva, quanto negativa. Neste último caso, há uma forte reprodução dos estereótipos sexuais construídos pela nossa sociedade, principalmente nos programas de humor. Nas novelas, as empregadas domésticas são em sua maioria negras e os homossexuais com traços afeminados. É preciso tirar o negro da senzala e [tirar] a visão do gay apenas com plumas e paetês.

Por outro lado, existem ganhos muito positivos quando se leva para o grande público debates importantes que inquietam e fazem pensar, como muitos abordados em novelas e minisséries. Mas vejo que ainda vivemos um contexto em construção.

Precisamos fazer um amplo debate sobre religião e sua relação com o comportamento sexual, principalmente em dias com tanta intolerância que estamos vivendo. Nesse sentido, os meios de comunicação podem contribuir muito positivamente.

Mas essas influências – positivas ou negativas – não podem fugir do nosso debate. Se o trabalho é realizado em sala de aula, por exemplo, podemos levar para a reflexão e avaliação dos alunos o que eles veem nas novelas ou ouvem nas músicas. Com isso, desenvolver um senso crítico, não ficando apenas como mero expectador do que está vendo, mas como um ser atuante, que pensa e tem condições para mudar a realidade a sua volta.

7. O que você pode dizer para aos novos profissionais que buscam a especialização em Educação Sexual?

Foco!

Defina o que quer, estabeleça as metas, qual é o público que deseja atingir e comece. O caminho só será conhecido ao caminhar.

Reveja a minha resposta à pergunta 5. Não há um só caminho, mas diversos e tantos outros a serem criados. Isso é que faz o diferencial de um profissional. Ao realizar o trabalho, saia do lugar comum, do blá blá blá e crie. É bacana quando levamos para o “nosso” público outro olhar que não seja limitado.

Não podemos ter a crença de que sexualidade é só corpo. É muito mais do que isso, apesar de [o corpo também ser] muito importante.

Converse com outros colegas da área que objetiva atuar e faça trabalhos em parceria. A troca e o “fazer junto” enriquece muito a nossa prática profissional.

Os eventos na área de sexualidade são importantes encontros para ampliar o conhecimento e estabelecer vínculos. Tem coisa melhor do que um bate-papo na hora do cafezinho?

Sheila Reis
Psicóloga e Mestre em Sexologia
Diretora de Relacionamento da SBRASH
- biênio
2012/13